

Dante: vivo e atual.

(Prof. Armino Trevisan)

(Observações prévias:

A) *“Esperem tudo de Dante! Esperem pouco de mim. Asseguro-lhes, porém, que lhes darei tudo o que esse “pouco” possa conter, inclusive minha definição pessoal de Poesia, que é a seguinte: **A Poesia é uma lucidez enternecida**”.*

B) Para os Srs. Acadêmicos, que admiro e prezo (alguns são amigos meus de longa data - seleccionei duas citações do mesmo Poeta que julgo dignas de serem meditadas:

I. *“Com uma tal falta de literatura, como há hoje, que pode um homem de gênio fazer senão converter-se, ele só, em uma literatura?”*

De certo modo, foi o que aconteceu a Fernando Pessoa, o qual se tornou um “Segundo Camões” no Panorama da literatura Portuguesa!

(Cf. Cleonice Berardinelli: *“Alguma Prosa” de Fernando Pessoa.* Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1976. p. 44).

II. (...) *quem morrendo deixa escrito um verso belo, deixou mais ricos os céus e a terra, e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente.*

Ibid. p. 44.

Finalmente, aos senhores, membros da Academia Rio-Grandense de Medicina, ofereço uma citação especial do mesmo autor:

“A finalidade da Arte não é agradar. O prazer é aqui um meio; não é neste caso um fim. A finalidade da arte é elevar.”

Ibid. p. 85.

Segundo o Poeta, existem três “elevações”:

A) a da Religião por meio do bem;

B) a da Ciência por meio da verdade;

C) a da Arte por meio da beleza”.

Ibid. p. 85).

I.

Que um poeta possa ainda ser lido setecentos anos depois de sua morte, como se sua obra-prima, a **Divina Comédia**, tivesse sido escrita por um poeta em nossa época, é fato digno de ser muito admirado. É o que os maiores historiadores da Literatura Mundial reconhecem ter acontecido uma só vez na história.

O que teria, então, feito de **Dante um caso único** na literatura Mundial?

Podemos dizer o seguinte: além de ele - na sua condição de Poeta - ter-se proposto uma **viagem imaginária no mundo dos mortos** – que Dante não considerava mortos, mas vivos em outras formas possíveis de vida – o Poeta teve uma originalidade que, até então, ninguém a tivera: **a de se incluir nessa viagem** como testemunha do que estava vendo, ouvindo, sentindo. **A Divina Comédia é um poema do “Eu”**. Foi por isso que ela foi definida por um dantólogo de *Danteide*, isto é, uma obra poética vinculada à biografia de Dante. Não só porque Dante, como Poeta, é o maestro da “sinfonia biográfica”, que dirige nas três partes da **Divina Comédia (Inferno, Purgatório e Paraíso)**, mas também por ele, Dante, não deixar de incluir nessa viagem ao mundo dos mortos-vivos pessoas ligadas à sua família, como é o caso de Cacciaguida, seu trisavô, que exerce um papel relevante na sua obra.

O Poeta situa-se, cronologicamente, numa encruzilhada, ou seja, entre o século XIV e o século XV. Diríamos: entre um passado, que estava desaparecendo, o do Mundo Medieval, e um presente, que se estava esboçando, o do Mundo (já então denominado *Moderno*). Sob determinados aspectos, Dante foi um **Poeta da Cristandade**. Esta - a Cristandade – estava, em sua época, se tornando uma espécie de “monumento arqueológico”. Por outro lado, ele apresentou-se como um Poeta de uma nova Mentalidade, a do **Humanismo**, isto é, da época de Copérnico e Galileu. Tais cientistas, em breve ensinariam aos homens que o mundo em que eles viviam não era - do ponto de vista astronômico - o “**centro do Universo**”, mas apenas um planeta submetido aos influxos do Sol e da Lua. Com uma diferença: sendo um crente autêntico, Dante acreditava nos **Mistérios da Fé Cristã**, e por isso, admitia que, no mundo concreto em que ele

vivia, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade se encarnara no seio de uma mulher, chamada Maria de Nazaré, e que, portanto, o mundo cristão era um mundo em que o Filho de Deus padecera, fora morto e ressuscitara ao terceiro dia.

Dante acreditava realmente que houvesse um *Inferno*, um *Purgatório* e um *Paraíso*, como acreditam ainda hoje os que aderem a Jesus, posto que, na atualidade, não mais o “imaginem” como o imaginavam seus avós e bisavós.

No século seguinte, o século do **Humanismo Renascentista**, tais verdades embora ainda seguissem sendo acreditadas, as novas descobertas das ciências começaram a substituir as velhas teorias por outras novas. Isso levou alguns séculos, como o demonstrou o grande historiador Lucien Febvre, num livro famoso, que cito em sua edição espanhola: “**El Problema de la Incredulidad em el Siglo XVI** (primeira edición em español. México, Union Tipografica Editorial Hispano Americana, 1959), que tem por subtítulo: “**La Religion de Rabelais**”. Foi por essa razão que o século XIV, que se seguiu à morte do Poeta (que faleceu em setembro de 1221), não conseguiu ler Dante como Poeta, tendo-o lido incorretamente, como se Dante fosse um *Enciclopedista*. Dante precisou de alguns séculos a mais para que seu universo poético se tornasse a maior criação lírica do Mundo Ocidental, precedendo **o Cancioneiro de Petrarca**, que acabaria “sacralizando” ou “mitificando” o eu do poeta, considerando-o o eu dos sentimentos e emoções de todos os poetas. Dante antecipou-se, de algum modo, a Petrarca, mas é Petrarca quem, por assim dizer, produz a primeira obra essencialmente subjetiva em poesia.

Resumamos: Dante *fechou as portas do mundo medieval*, e *abriu as do mundo moderno*. Porém, como Moisés, não entrou na Terra Prometida do Humanismo de Leon Batista Alberti e de outros teóricos; ficou de fora do mundo humanista do Renascimento.

II.

Por que, então Dante pode ser ainda hoje lido como o maior Poeta do Mundo Ocidental?

O verdadeiro “milagre”, que é a **Divina Comédia** é o fato de ela ser essencialmente **Poesia**, não Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia - e o que mais se queira que seja.

Dante privilegiou, primeiramente, seu próprio idioma. Mais do que isso: sendo um grande estudioso de linguística, ele estudou os dialetos italianos da época, e optou por um deles, que ele considerava o mais belo. No sentido mais profundo do termo, *Dante fundou a língua italiana*, que ainda hoje é falada na Itália. Um italiano, com algum esforço pessoal, compreende o italiano de Dante. Os demais elementos da **Divina Comédia** eclipsam-se diante de sua expressão lírica, porque – insistamos – a **Divina Comédia** foge ao enquadramento das outras epopéias. Ela não é redutível a um amontoado de criações fantásticas. A Divina Comédia é uma criação verbal de intensa vibração imaginária, e de um ritmo e melódiosidade excepcionais. O próprio Dante orgulhava-se de ter aprendido a rimar quando criança. Dante, também, inventou um tipo de terceto (*a terzina*) que lhe permitiu fugir à imposição das fábulas de Boiardo, Tasso, Ariosto e outros gênios épicos.

Dante obriga os seus leitores a estarem presentes às suas espantosas criações imagéticas. Não os obriga a acompanharem-no nas suas fantasias, que sempre estão ligadas a episódios da História do Mundo ou da História da Religião Cristã. Seus heróis são personagens que ele tornou visíveis, sensíveis, emocionantes dentro de suas limitações humanas. Ao converter Beatriz, uma menininha conhecida quando ele tinha nove anos, numa Guia, que lhe obtém a ajuda do Poeta Virgílio, para guiar Dante nas andanças no *Inferno*, antes de ela mesma se tornar a guia do Poeta no *Purgatório e no Paraíso*, Dante quer que ela seja aceita como alguém que o censura por seu lado mulherengo, e lhe pede, brava e incisiva, que olhe para ela, que a encare, levantando a barba...

O mérito, pois, primeiríssimo, e originalíssimo da ***Divina Comédia*** é Dante obrigar-nos a considerar seu poema um poema de qualquer ser humano, de tornar sua ***Divina Comédia*** a *Comédia* de todo ser humano, do mais comum ao mais insigne dos mortais. Afinal, todos os seres humanos deverão morrer, e deverão – se tiverem a possibilidade de ouvirem falar alguma vez na Mensagem de Jesus – de se decidirem a favor de seu Evangelho e de suas Promessas de Vida Eterna. ***A Divina Comédia*** mimetiza o destino de cada ser humano. Sob esse sentido, ela responde ao desafio proposto por um autor contemporâneo, Albert Camus, que dizia: “*Só há um problema verdadeiramente sério que a condição humana deve enfrentar: o suicídio*”. Camus, que de algum modo ilustrou isso no seu romance ***A Peste***. Estava consciente de que não existe senão uma alternativa ao “absurdo da vida”: a resposta que Dante deu à sua questão, aderindo firmemente à Revelação de Jesus. A Ressurreição de Jesus condiciona a Ressurreição da Carne, da

carne perecível dos corpos humanos, como o expressa o **Credo Cristão**. Para Camus, a morte constituía um limite intransponível.

Voltemos a insistir: Dante, em nenhum momento admite outra resposta ao enigma humano que não o da Fé. Essa Fé, e seu mundo poético, estão vinculados à sua língua. Eis porque a **Divina Comédia** torna sensível e palpável a afirmação de Fernando Pessoa: “**A língua é a verdadeira pátria do Poeta**” - não o país em que ele nasce, e cuja cultura assimila. Por essa razão, a **Divina Comédia** é aquilo que o poeta e Dantólogo brasileiro Dante Milano denominava um conjunto incomparável de “**versos inesquecíveis**”. Devido a isso, dizia ainda Milano, a **Divina Comédia** pode ser aberta como a Bíblia, em qualquer de suas páginas. É de uma leitura permanente, e sem falhas. Dante não é apreciado por ser um autor complicado, mitológico, etc. mas por ser autor de **versos inesquecíveis**. Às vezes, tais versos o “prejudicaram, em certo sentido, pois atraem tanto a atenção sobre eles, impedindo que os leitores se detenham em outras paisagens líricas de Dante”. Dou um exemplo, que aliás cito em meu livro: **os sessenta versos inesquecíveis** sobre o episódio da morte de Francesca de Rímini e de seu amante Paolo. Tais versos são conhecidos **por três quartos dos leitores italianos, e pelos nove décimos dos leitores estrangeiros da Divina Comédia.**¹

III.

A melhor forma, talvez, de se ler Dante não é lê-lo como um monstro sagrado da literatura mundial, mas como um Poeta atual que produziu uma poesia acessível a todo leitor que seja

¹ Cf. Armindo Trevisan. *Por uma Leitura Atual da Divina Comédia de Dante Alighieri*. Porto Alegre, Editora Age, 2021. p. 20.

capaz de um mínimo de **oralização** de seus versos (na língua original do Poeta), ou mesmo na língua materna de cada leitor. Com as traduções – refiro-me às melhores – pode-se chegar até ao manancial de Dante. Naturalmente, elas não revelam toda a riqueza do original, mas fornecem um acesso a algumas das fontes de água límpida da **Divina Comédia**.

Muita exigência em termos de **intraduzibilidade** desanima os leitores. Muita facilidade, por outro lado de acessibilidade a Dante, o **trivializa**. É preciso que os leitores tomem a ***Divina Comédia*** numa das boas traduções em língua portuguesa – como as de Cristiano Martins e de Italo Eugenio Mauro – e as leiam, levando em consideração apenas as indicações genéricas que acompanham tais versões.

O grande historiador Francesco De Sanctis já chamava a atenção, no século XIX, sobre o perigo de se ler Dante sempre com um olho no seu mundo medieval! Cuidado. É melhor assestar os olhos na sua poesia, tal qual ela se oferece ao leitor.

Com maliciosa lucidez, Mário Quintana lastimou que não exista uma ***Divina Comédia sem comentários...***²

Na minha opinião, fiquemos no meio-termo: um pouco de conhecimento prévio ajuda, muito prejudica.

É conveniente que o leitor venha a descobrir que Dante possui “***versos inesquecíveis***”, e que se contente com esses versos, que valem numerosos **versos esquecíveis**, inclusive de grandes poetas modernos e contemporâneos!

² Cit. por mim em meu livro: *Por uma leitura atual da **Divina Comédia** de Dante Alighieri* p. 167..